

## Sobreviventes de uma ilha chamada Brasil

*Por Michele Rolim<sup>1</sup>*

Chegamos ao 36º Festivale vivos. Nós, da cultura, apesar de todas as dificuldades, apesar da marginalização, da indiferença de políticos e gestores públicos, do autoritarismo, dos discursos de ódio e do enfrentamento de uma pandemia que nos tirou uma das coisas que mais prezamos: os encontros presenciais. Nós resistimos e sobrevivemos.

Voltamos a esperar. A construção coletiva da Lei Aldir Blanc 1 e 2, assim como a Lei Paulo Gustavo, são a prova disto, apesar de estarem sob a ameaça de um (des)governo.

O espetáculo *Nau Frágil*, do Barracão de Teatro, de Campinas, interior de São Paulo, relata essa nossa travessia até aqui de forma política e poética.

A montagem partiu de um estudo e releitura da peça *O Arquiteto e o Imperador da Assíria*, escrita em 1967 pelo dramaturgo espanhol Fernando Arrabal, que reflete sobre o pós-guerra e o totalitarismo e também foi livremente inspirada no livro *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, uma alegoria de um jovem que vive sozinho em uma ilha.

Em *Nau Frágil*, Robinson (interpretado por Esio Magalhães), único sobrevivente de um naufrágio, alcançou uma ilha. Depois de muitos anos vivendo ali, isolado, ele se depara com a chegada de um outro naufrago, chamado por ele de Sexta-Feira (interpretado por Miguel Rosa), tão jovem como ele quando chegou

---

<sup>1</sup> Jornalista, pesquisadora e crítica teatral. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Trabalha na imprensa cultural desde 2009 e como Conselheira Estadual de Cultura do RS (2020-2022). É editora do site AGORA Crítica Teatral ([www.agoracriticateatral.com.br](http://www.agoracriticateatral.com.br)) e autora do livro “O que pensam os curadores de artes cênicas” (2017, editora Cobogó). É membro da FIBRA - Rede de Festivais Internacionais Brasileiros para Crianças e Jovens. Participou de diversos júris de Teatro. Vem atuando em festivais de artes cênicas no Brasil como crítica, debatedora e curadora.

à ilha. O velho náufrago tenta impor a Sexta-Feira suas ideias de como o mundo, resumido àquela ilha, deve funcionar.

A direção é assinada por Tiche Vianna e no elenco estão os atores Esio Magalhães e Miguel Rosa. Essa é a primeira vez que mãe, pai e filho encaram o desafio de trabalharem juntos em um projeto sem a participação de outros artistas em cena. A montagem foi gestada durante a pandemia.

Durante o espetáculo, assistimos ao embate de Robinson com Sexta-Feira, que podemos entender que Sexta-feira é uma metáfora da juventude, coragem e força interior que Robinson tinha ao chegar na ilha.

Para auxiliar o jogo de cena entre os atores, há elementos cênicos como um andaime, uma escada, as claves e as cordas. Eles os utilizam associando a técnicas circenses no palco como malabarismo, equilibrismo e acrobacias, reforçando o caráter lúdico da obra, em que o brincar está presente como válvula propulsora no jogo entre os dois atores. Além disso, no campo visual apresentam-se diversas projeções no palco, como a de uma tempestade e a de um navio em alto mar naufragando.

Na peça, aos poucos, vai acontecendo a travessia de Robinson, que começa a se permitir, devagarzinho, a sonhar novamente até ter coragem e perceber que existe a possibilidade de haver um outro mundo, fora da ilha. Sexta-Feira, por sua vez, descobre a existência de uma ponte, que, embora ele veja onde começa, não consegue ver onde vai dar. Contudo, por mais que Sexta-Feira tente, Robinson não consegue ver essa ponte.

Como arriscar caminhar sobre uma ponte que não se vê? Mesmo com tantas dúvidas, Robinson vai até a ponte, a pedido de Sexta-Feira, que amarra uma corda ao redor de ambas as cinturas para pisarem juntos sobre ela. “Me segura e reconstrói o mundo do meu jeito?” – diz Robinson antes de atravessar a ponte. “Mas, se você encontrar a ponte, vai seguir em frente e, mesmo sem saber pra onde está indo, não vai desistir de chegar do outro lado e, acima de tudo, vai me levar junto com você”, se despede Sexta-Feira.

Robinson pisa na ponte: ela aparece, e ele a vê. Robinson começa a caminhar rumo ao desconhecido, simbolizando este momento histórico que estamos atravessando ao estarmos saindo de uma pandemia, tendo ainda a possibilidade de retomada do Ministério da Cultura – e tudo o que ele representa – com as eleições.

As escolhas poéticas da peça, ancoradas no texto dramaturgico, optam pelo viés afetivo para abordar o contexto político. Neste tipo de trabalho, muitas vezes, o tratamento ou recai no didatismo político – com pouco espaço para a imaginação do/a espectador/a – ou acaba se esvaziando no sentimentalismo. Nesse sentido, o espetáculo *Nau Frágil* consegue encontrar o equilíbrio: transmite a complexidade das questões políticas de dominação sem pender para a fragilidade do debate ou torná-lo elemento de difícil compreensão, ao mesmo tempo que imprime uma poética na cena.

O grupo Barracão de Teatro nos devolve, com este espetáculo, a capacidade de voltar a sonhar e de acreditar que precisamos seguir em frente. (Sobre)vivemos até aqui, e agora queremos voltar a viver.